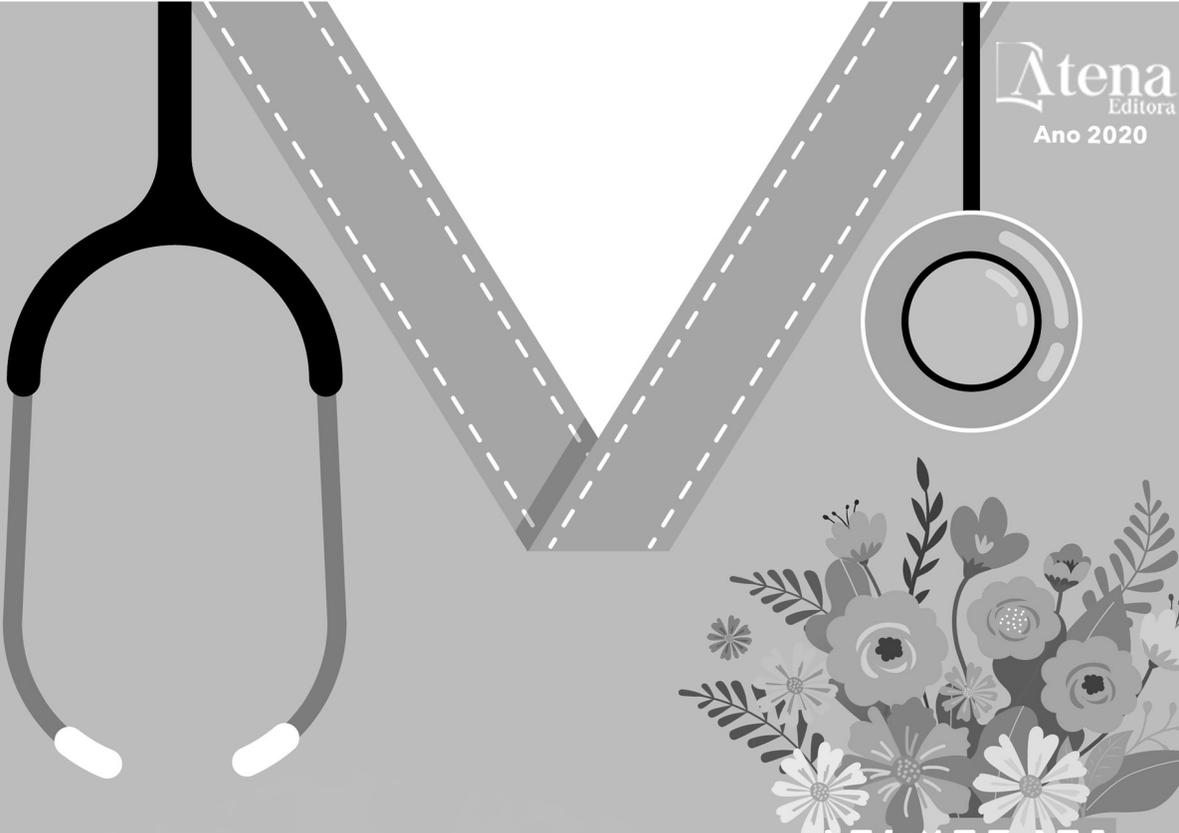




**INOVAÇÃO E
TECNOLOGIA
PARA O CUIDAR
EM ENFERMAGEM**

3

RAFAEL HENRIQUE SILVA
(ORGANIZADOR)



**INOVAÇÃO E
TECNOLOGIA
PARA O CUIDAR
EM ENFERMAGEM**

RAFAEL HENRIQUE SILVA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: ou Autores: Rafael Henrique Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I58 Inovação e tecnologia para o cuidar em enfermagem 3
 [recurso eletrônico] / Organizador Rafael Henrique
 Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
 Modo de acesso: World Wide Web.
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-5706-310-1
 DOI 10.22533/at.ed.101202108

1. Enfermagem – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde –
 Brasil. I. Silva, Rafael Henrique.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No livro Inovação e Tecnologia para o Cuidar em Enfermagem Volume 3 os capítulos são um compilado das inovações no atendimento à saúde na assistência hospitalar. Os artigos abordam assuntos sobre Doenças Cardiovasculares, Unidade de Terapia Intensiva, Serviços de Urgência e Emergências, entre outras unidades.

Os autores se dedicaram para trazer para os leitores as inovações sobre essas áreas, onde os profissionais de Enfermagem atuam com dedicação e profissionalismo, prestam uma assistência complexa e precisam lidar a todo momento com situações delicadas e com risco de morte constante dos pacientes assistidos. O papel do Enfermeiro e seu protagonismo no cuidado mereceram destaque nos trabalhos reunidos, possibilitando ao leitor se atualizar sobre inovações que podem ser aplicadas diretamente ao seu processo de atuação.

Atualmente, as inovações e tecnologias se tornaram realidade e estão presentes na assistência de Enfermagem. Frente a isso, essa obra foi organizada de forma a possibilitar um acesso direto a temas atuais e que estão diretamente ligados ao profissional Enfermeiro, tanto na assistência ao paciente quanto a seus familiares.

Rafael Henrique Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

RASTREAMENTO DE MEDICAMENTOS POTENCIALMENTE INAPROPRIADOS EM IDOSOS HOSPITALIZADOS E RISCOS PARA SUA SEGURANÇA

Nathália de Araújo Sarges
Maria Izabel Penha de Oliveira Santos
Emanuele Cordeiro Chaves

DOI 10.22533/at.ed.1012021081

CAPÍTULO 2..... 10

INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA E SUAS CONSEQUÊNCIAS AO TRATAMENTO DOS PACIENTES

Francisco Marcelino da Silva
Cláudia Patrícia da Silva Ribeiro Menezes
Tamara Braga Sales
Samara Gomes Matos Girão
Andreza Kelly Cardoso da Silva Soares
Maíra Maria Leite de Freitas
Lucélia Rodrigues Afonso
Roberta Liviane da Silva Picanço
Marcia Alves Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.1012021082

CAPÍTULO 3..... 20

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM CRISE HIPERTENSIVA NO SERVIÇO DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Mariana Pereira Barbosa Silva
Jéssica Fernanda Sousa Serra
Fabrícia Rode dos Santos Nascimento
Valéria Fernandes da Silva Lima
Ana Carine de Oliveira Barbosa
Iago Oliveira Dantas
Milena Cristina da Conceição Costa
Laiane Silva Bogea
Débora Vieira de Souza
Keila Maria Batista Mendes
Reberson do Nascimento Ribeiro
Márcia Mônica Borges dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1012021083

CAPÍTULO 4..... 27

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE NO CATETERISMO CARDÍACO

Danielly de Sousa Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.1012021084

CAPÍTULO 5..... 38

DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM EM PACIENTES TRAUMATOLÓGICOS ATENDIDOS EM EMERGÊNCIAS

Dariane Veríssimo de Araújo
Francisco Marcelo Leandro Cavalcante
João Victor Ferreira Sampaio
Thamires Sales Macedo
Cristina da Silva Fernandes
Magda Milleyde de Sousa Lima
Nelson Miguel Galindo Neto
Lívia Moreira Barros

DOI 10.22533/at.ed.1012021085

CAPÍTULO 6..... 50

PRÁTICAS AVANÇADAS EM ENFERMAGEM NO CUIDADO AO PACIENTE CRÍTICO: ESTRATÉGIAS PARA FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Alúzio Rodrigues Guimarães Júnior
Kyohana Matos de Freitas Clementino
Paula Fernanda da Silva Ramos
Amanda da Costa Sousa
Wellington Nogueira de Oliveira Pereira
Gabriel Bessa Martins
Clara Liz Macêdo Isidoro
Vicente Bruno de Freitas Guimarães
Rayane Moreira de Alencar
Woneska Rodrigues Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.1012021086

CAPÍTULO 7..... 62

UTILIZAÇÃO DO PROTOCOLO SEPSE NUMA UNIDADE DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Antonia Victoria Carvalho Costa
Diane Sousa Sales
Cybilla Rodrigues Sousa Santos
Lia Ricarte de Menezes
Sanrangers Sales Silva
Jorge Eduardo Freitas da Silva
Francisco Eldo Bezerra Junior
Damiana Vieira Sampaio
Manoel Austregésilo de Araújo Junior
Isadora Marques Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.1012021087

CAPÍTULO 8..... 73

IDENTIFICAÇÃO DE BACTÉRIAS GRAM-POSITIVAS EM CENTRO CIRÚRGICO: ATIVIDADE ANTIMICROBIANA DA *Punica granatum*

Tháís Honório Lins Bernardo
Vanessa Luiza Lins Rodrigues

Joice Fragoso Oliveira de Araújo
Larissa Oliveira Lessa
Lays Pedrosa dos Santos Costa
Paula Mariana Fragoso Torres
Gabriella Keren Silva Lima
Fabianny Torres de Oliveira
Regina Célia Sales Santos
Valter Alvino
Patrícia de Albuquerque Sarmento
Maria Lysete de Assis Bastos

DOI 10.22533/at.ed.1012021088

CAPÍTULO 9..... 87

PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS EM PACEINTE TERMINAL

Everton Carvalho Costa
Neylany Raquel Ferreira da Silva
Kássia Monicléia Oliveira Evangelista
Nisleide Vanessa Pereira das Neves
Tainá Maria Oliveira Sousa
Bárbara Pereira Gomes
Thaianny Maria da Silva Mendes
Ana Caroline Sousa da Costa Silva
Julyana Martins Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.1012021089

CAPÍTULO 10..... 94

BARREIRAS PARA A ALTA HOSPITALAR COMO FATOR DE REDUÇÃO DA OCORRÊNCIA DE READMISSÕES

Talita Honorato Siqueira
Priscilla Vogado Correia
Monique de Alencar Lucena
Diana Lúcia Moura Pinho
Cristine Alves Costa de Jesus
Vanessa da Silva Carvalho Vila

DOI 10.22533/at.ed.10120210810

CAPÍTULO 11..... 103

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA MANOBRA DE REANIMAÇÃO CARDIOPULMONAR PARA LEIGOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sara Dantas
Cassia Lopes de Sousa
Amanda da Silva Guimarães
Claudio Henrique Marques Pereira
Daniele Roecker Chagas
Jaine Varela da Silva
Jonatas Tiago Lima da Silva
Karen Santos de Oliveira

Laricy Pereira Lima Donato
Taiza Félix dos Anjos
Jessíca Reco Cruz
Thayanne Pastro Loth

DOI 10.22533/at.ed.10120210811

CAPÍTULO 12..... 109

MUDANÇA NO PERFIL DE DENSIDADE DE PNEUMONIA ASSOCIADA A VENTILAÇÃO MECÂNICA APÓS IMPLANTAÇÃO DOS *BUNDLES* DE SEGURANÇA

Thais Nogueira Carneiro Brasileiro
Francismeuda Lima de Almeida
Indaiane Rosário Abade dos Santos
Ylara Idalina Silva de Assis
Aldacy Gonçalves Ribeiro
Elane Santos da Costa

DOI 10.22533/at.ed.10120210812

CAPÍTULO 13..... 121

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PESSOA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA EM PÓS-OPERATÓRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kaique Vinicius da Cruz Santos Aguiar
Gleivson dos Santos Mota
Rafaela da Cunha Cruz
Greice Kely Oliveira de Souza
Daniella de Medeiros Lopes Lobo

DOI 10.22533/at.ed.10120210813

CAPÍTULO 14..... 131

A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

Roberta Maria Santos Feitosa
Daniele Josielma Oliveira Costa
Elma Tamara de Sá Santos
Lívia Fernanda Ferreira Deodato
Katyenny Christine Alessandra da Silva
Paulo Cesar Feitoza Ferraz Filho
Raema Neves Cotrim Carvalho
Wittames Santos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.10120210814

CAPÍTULO 15..... 142

O PAPEL DO ENFERMEIRO QUANTO A PREVENÇÃO DA INFECÇÃO RELACIONADA A ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Anelvira de Oliveira Florentino
Gercilene Cristiane Silveira

DOI 10.22533/at.ed.10120210815

CAPÍTULO 16..... 155

**A IMPORTÂNCIA DO CHECKLIST FEITO PELO ENFERMEIRO NA CIRURGIA SEGURA:
RELATO DE CASO**

Ana Catarine Cardoso de Melo

DOI 10.22533/at.ed.10120210816

CAPÍTULO 17..... 157

**BOAS PRÁTICAS DE ENFERMAGEM PARA PREVENÇÃO DA PNEUMONIA ASSOCIADA
À VENTILAÇÃO MECÂNICA**

Elma Tamara de Sá Santos

Ellen Carolynne de Oliveira Gomes

Evellyn Thaís Lima Monteiro da Silva

Paulo Cesar Feitoza Ferraz Filho

Amanda Suzan Alves Bezerra

Brenda Karolina da Silva Oliveira

Caroline Teixeira Santos

Júlia Tenório Araújo

Karine Alves de Araújo Gomes

Larissa Ribeiro Gomes da Cruz

DOI 10.22533/at.ed.10120210817

CAPÍTULO 18..... 167

**INFECÇÕES DA CORRENTE SANGUÍNEA ASSOCIADAS AOS CUIDADOS DE SAÚDE:
UMA AMEAÇA A SEGURANÇA DO PACIENTE**

Amanda Eckhardt

Maria Danielle Alves do Nascimento

Rebeca da Silva Gomes

Monalisa Mesquita Arcanjo

Maria Tais Oliveira Souza

Kaiane Bastos Araújo

Luiz Alberto Moreira Costa

Maria Vitalina Alves de Sousa

Thalia Aguiar de Souza

Luis Felipe Alves Sousa

Bruna Rafaela da Costa Cardoso

Elaine Cristina Bezerra Bastos

DOI 10.22533/at.ed.10120210818

CAPÍTULO 19..... 172

**QUALIDADE E SEGURANÇA NO PROCESSO MEDICAMENTOSO: RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA INVESTIGAÇÃO DE EVENTO ADVERSO**

Patrícia Trindade Benites

Carla Moreira Lorentz Higa

DOI 10.22533/at.ed.10120210819

CAPÍTULO 20..... 179

SEGURANÇA DO PACIENTE EM ANGIOTOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA: POR QUE O ACESSO VENOSO É IMPORTANTE?

Beatriz Cavalcanti Juchem
Alesandra Glaeser
Jeane Cristine de Souza da Silveira
Karine Bertoldi
Leticia Souza dos Santos Erig
Luciana Nabinger Menna Barreto
Sabrina Curia Johansson Timponi

DOI 10.22533/at.ed.10120210820

CAPÍTULO 21..... 187

ROUND MULTIPROFISSIONAL EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: DISCUSSÃO PARA A IMPLANTAÇÃO DE PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO

Kelly Cristina Meller Sangoi
Adriane Aline Griebeler
Marina Luci Lima Gonçalves Margutti Aires
Sandra da Silva Kinalski

DOI 10.22533/at.ed.10120210821

CAPÍTULO 22..... 195

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA MANUTENÇÃO DO POTENCIAL DOADOR DE ÓRGÃOS

Carine Barreto de Carvalho
Edilson da Silva Pereira Filho
Cíntia Ferreira Amorim
Lívia Dourado Leite
Ana Paula de Oliveira Ino

DOI 10.22533/at.ed.10120210822

CAPÍTULO 23..... 211

HOSPITALIZAÇÕES POR TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS EM MUNICÍPIOS FRONTEIRIÇOS (2008 – 2018)

Luana Lunardi Alban
Ana Caroline Carvalho
Carla da Rocha
Manoela de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.10120210823

CAPÍTULO 24..... 222

IMPLANTAÇÃO DO SELO DA QUALIDADE NO CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO RIO DE JANEIRO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Angela Maria La Cava
Carolina Alves Felipe
Ghislaine de Mattos Ferreira Faria
Deyse Maria Magalhães Lopes Pinheiro
Ana Paula D`Oliveira dos Santos

Liliana Rodrigues Amaral

DOI 10.22533/at.ed.10120210824

CAPÍTULO 25.....235

**OS DESAFIOS NA PREVENÇÃO DE QUEDAS E SEUS PROTOCOLOS EM HOSPITAL
PSIQUIÁTRICO**

Luciane Almeida

Adão Reginaldo dos Santos

Carine Cristina dos Santos Baggio

DOI 10.22533/at.ed.10120210825

CAPÍTULO 26.....237

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO EM PESQUISA CLÍNICA CARDIOVASCULAR

Mayara Martins de Carvalho

Everton Carvalho Costa

Kassia Monicléia Oliveira Evangelista

Neylany Raquel Ferreira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.10120210826

CAPÍTULO 27.....241

**O PAPEL DO ENFERMEIRO NO CONTROLE DA SEGURANÇA DO PACIENTE NO
CENTRO CIRÚRGICO**

Mariangela Francisca Sampaio Araújo

Aryany Harf de Sousa Santos

Marcelo Augusto Vitorino Aragão

William Gomes Silva

DOI 10.22533/at.ed.10120210827

SOBRE O ORGANIZADOR.....252

ÍNDICE REMISSIVO.....253

CAPÍTULO 15

O PAPEL DO ENFERMEIRO QUANTO A PREVENÇÃO DA INFECÇÃO RELACIONADA A ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Data de aceite: 03/08/2020

Anelvira de Oliveira Florentino

<http://lattes.cnpq.br/2682866738613729>

<https://orcid.org/0000-0001-8628-0565>

Gercilene Cristiane Silveira

Faculdades Integradas de Jaú /SP

<http://lattes.cnpq.br/4285630919951352>

<https://orcid.org/0000-0002-1642-6917>

RESUMO: As mãos dos profissionais a área da saúde (PAS), quando não higienizadas adequadamente, podem se transformar em veículo de transporte para microrganismos patogênicos, pela transmissão cruzada na rotina da assistência ao paciente, proporcionando condições favoráveis à Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), além de serem reservatórios para patógenos resistentes aos antimicrobianos. Diante dessa realidade, este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da lavagem das mãos para atuação do Enfermeiro quanto a prevenção da infecção relacionada a assistência à saúde. Trata-se de uma revisão bibliográfica, cuja trajetória metodológica apoia-se em leituras exploratórias e seletivas do material de pesquisa, realizada através da busca por artigos, livros, manuais, bem como pesquisas *on line* publicados nos bancos de dados da Internet com apoio do Google acadêmico. Considerando a “lavagem das mãos” como a remoção dos microrganismos que colonizam as camadas superficiais da pele, assim como o suor, a oleosidade e as

células mortas, retirando a sujidade propícia à permanência e à proliferação de microrganismos e que um dos maiores índices de transmissão de infecção se dá pelas mãos, sua adoção deveria ser contemplada por todos os profissionais de saúde. Concluiu-se que os profissionais da enfermagem, devem adotar em suas práticas diárias recomendações básicas de higienização das mãos. Porém, treinamentos e programa de incentivos periódicos são necessários para reforçar a adesão às medidas propostas, visando a melhoria e qualidade na assistência de enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Lavagem das mãos, Profissional de saúde, Benefício, Prevenção da infecção.

ABSTRACT: The hands of healthcare professionals (PAS), when not properly sanitized, can become a transport vehicle for pathogenic microorganisms, through the cross-transmission in the routine of patient care, providing favorable conditions for Health Care-Related Infections (IRAS), in addition to being reservoirs for pathogens resistant to antimicrobials. In view of this reality, this study aims to present the importance of hand washing for the nurse's performance regarding the prevention of infection related to health care. This is a bibliographic review, whose methodological trajectory is based on exploratory and selective readings of the research material, carried out through the search for articles, books, manuals, as well as online searches published in the Internet databases with support from the Academic Google. Considering “hand washing” as the removal of microorganisms

that colonize the superficial layers of the skin, as well as sweat, oil and dead cells, removing dirt that is conducive to the permanence and proliferation of microorganisms and that one of the highest rates of transmission of infection is by hand, its adoption should be contemplated by all health professionals. It was concluded that nursing professionals should adopt basic hand hygiene recommendations in their daily practices. However, periodic training and incentive programs are necessary to reinforce adherence to the proposed measures, aiming at the improvement and quality of nursing care.

KEYWORDS: Hand washing, Healthcare professional, Benefit. Infection prevention.

INTRODUÇÃO

O ato de cuidar é uma das atitudes essenciais à vida, e envolve o toque das mãos, que pode se tornar a principal via de transmissão de microorganismo em nível hospitalar. Sua higienização constitui um dos principais procedimentos na função rotineira dos profissionais da área de saúde. Uma maior adesão a essa prática é um desafio para as Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) nos hospitais e nos estabelecimentos de saúde.^(1,2)

No ano de 1860, Ignaz P. Semmelweis⁽³⁾, médico húngaro, foi o pioneiro na demonstração da importância da transmissão das infecções através das mãos dos profissionais. Como médico da equipe do Hospital de Viena, percebeu que a lavagem de mãos era capaz de evitar/reduzir este tipo de transmissão.⁽³⁾

Outras contribuições marcaram época, como exemplo, a enfermeira Florence Nightingale que em 1863 conseguiu tornar o ambiente hospitalar propício a cura, atuando no combate à propagação das infecções hospitalares⁽³⁾

Desde então, fundamentado em trabalhos técnico-científico, a lavagem de mãos tornou-se a prática mais importante e eficaz para a prevenção e controle das infecções hospitalares (IH).^(4,5)

A higienização das mãos, depende do processo escolhido, variando desde uma simples lavagem com água e sabão até a degermação ou anti-sepsia pré operatória.^(1,4)

Além de proteger o paciente, os processos de higienização representam uma importante barreira de biossegurança contra a disseminação de microorganismo entre pacientes, artigos e superfícies hospitalares.^(4,5)

Atualmente, acredita-se que parte das infecções hospitalares podem ser evitadas, sendo a lavagem das mãos ainda bastante importante neste contexto, pois os microorganismos mais associados a ocorrência das infecções, são pertencentes à flora transitória, que é aquela adquirida através dos contatos estabelecidos com pessoas colonizadas ou infectadas e com objetos contaminados. Estes microorganismos podem ser evitados através da lavagem das mãos, portanto a não lavagem das mãos ou a lavagem inadequada das mesmas, constitui uma premissa básica para a transmissão de microorganismos.⁽²⁾

Entretanto, após anos sobre a descoberta ainda existe uma grande dificuldade de

implementá-la entre os profissionais da área da saúde, onde as Comissões de controle de Infecção Hospitalar incentivam a lavagem das mãos de acordo com as recomendações do Ministério da Saúde.^(4,5,6)

Cabe ressaltar ainda que, a partir do momento em que novas perspectivas nesta área sejam vislumbradas e adotadas de forma conjunta, visando ao bem estar do paciente, seguramente as atitudes dos profissionais resultarão no aumento da satisfação e da motivação da equipe, com maiores possibilidades de se reverter a situação atual, além de proporcionar uma melhor imagem institucional.^(7,8)

Diante dessa realidade, este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da lavagem das mãos para atuação do Enfermeiro quanto a prevenção da infecção relacionada a assistência à saúde.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, cuja trajetória metodológica apoia-se em leituras exploratórias e seletivas do material de pesquisa, realizada através da busca por artigos, livros, manuais, bem como pesquisas *on line* publicados nos bancos de dados da Internet com apoio do Google acadêmico.

LAVAGEM DAS MÃOS, ATITUDE ESSENCIAL PARA ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO QUANTO A PREVENÇÃO DA INFECÇÃO RELACIONADA A ASSISTÊNCIA À SAÚDE

As mãos dos profissionais de enfermagem podem se transformar em veículo de transporte para microrganismos patogênicos, pela transmissão cruzada na rotina da assistência ao paciente, proporcionando condições favoráveis à infecção hospitalar quando não higienizadas adequadamente, além de serem reservatórios para patógenos resistentes aos antimicrobianos.⁽⁹⁾

A lavagem das mãos com água e sabão é uma prática de assepsia simples que constitui importante medida de prevenção e controle das infecções, sem encargos significativos para as Instituições, além de gerar benefícios extensíveis àqueles envolvidos no processo de cuidado, devendo configurar-se como um hábito que todos os profissionais de enfermagem devem realizar antes e depois de qualquer procedimento, seja ele invasivo ou não.

Segundo Elias⁽¹¹⁾, “a contaminação das mãos dos profissionais de saúde pode ocorrer durante o contato direto com o paciente ou por meio do contato indireto, com produtos e equipamentos ao seu redor”.

Como afirmam Felix e Miyadahira⁽¹²⁾ a lavagem das mãos é imprescindível antes de prestar assistência ao cliente ou realizar qualquer atividade que exija condições de higiene e limpeza, como por exemplo, a preparação de medicamentos.

A necessidade da higienização das mãos foi evidenciada por Maimônides aos praticantes da Medicina, durante o século XI. A partir daí, foram demonstrados mais cuidados com a aparência, do que propriamente com a saúde.⁽¹⁰⁾

Mas foi em meados do século XIX, no ano de 1846 que o médico húngaro, Ignaz Philipp Semmelweiss, descobriu que o simples ato de lavar as mãos com água e sabão e posteriormente em solução clorada, antes de entrar em contato direto com os pacientes, reduziu os índices de morte das parturientes pela febre puerperal⁽¹⁰⁾

Notou-se que os médicos que iam diretamente da sala de autópsia para a de obstetrícia tinham odor desagradável nas mãos. Então, Semmelweis pressupôs que a febre puerperal que afetava tantas parturientes fosse causada por “partículas cadavéricas” transmitidas da sala de autópsia para a ala obstétrica, por meio das mãos de estudantes e médicos. Em maio de 1847, ele insistiu que estudantes e médicos lavassem suas mãos com solução clorada após as autópsias e antes de examinar as pacientes da clínica obstétrica.

(13,14)

No mês seguinte, após esta intervenção em um hospital em Viena, Semmelweis demonstrou claramente que a higienização apropriada das mãos reduziu os índices de morte das parturientes pela febre puerperal. A partir daí, esse procedimento têm sido recomendados como medida primária no controle da disseminação de agentes infecciosos⁽¹⁴⁾

Com o passar do tempo, diversos cientistas e filósofos comprovaram e defenderam a causa da assepsia das mãos na prevenção da transmissão de doenças. Apesar de que essa prática foi pouco compreendida em sua importância e teve baixa adesão pelos profissionais daquela época.⁽¹⁵⁾

As ações de controle de infecção foram sendo intensificadas pela importante colaboração de Florence Nightingale (1820-1910), com a padronização de rotinas de higiene e controle do meio e pela introdução da assepsia e antisepsia por Joseph Lister (1827-1912).⁽¹⁶⁾

No entanto, os conceitos e a prática de controle de infecção hospitalar (CIH) surgiram no Brasil na década de 50 quando o controle da contaminação hospitalar foi aplicado basicamente por hospitais escolas e previdenciários. Na década de 60, houve a normatização e a criação do termo infecção hospitalar e a partir da década de 70 ocorreu à criação das Comissões de Controle de Infecções Hospitalares (CCIH) nas regiões sul e sudeste.⁽¹⁷⁾

A primeira recomendação oficial do Ministério da Saúde regularizando as CCIH no Brasil surgiu na década de 80 através da Portaria 196/83, com incentivo da adoção de medidas de prevenção e de controle, com criação de cursos por todo o país.⁽¹⁷⁾

Após nove anos em vigor, esta Portaria foi substituída pela portaria 930, de 27 de agosto de 1992, onde foi definido que para cada 200 leitos, seria necessário um Serviço de Controle de Infecções Hospitalares (SCIH), com médico e um enfermeiro exclusivo desse serviço.⁽¹⁷⁾

Atualmente, a Portaria em vigor é a 2616/1998, que preconiza a “lavagem das mãos” como a ação mais importante para a prevenção e controle da IH e determina que sejam empregadas medidas e recursos com objetivo de incorporar esta prática em todos os níveis

de assistência hospitalar.⁽¹⁷⁾

A legislação brasileira, por meio da RDC n. 50, de 21 de fevereiro 2002, estabelece, respectivamente, as ações mínimas a serem desenvolvidas com vistas à redução da incidência das infecções relacionadas à assistência à saúde e as normas e projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde.⁽¹⁵⁾

A Organização Mundial de Saúde (OMS), por meio da Aliança Mundial para a Segurança do Paciente, também tem dedicado esforços na elaboração de diretrizes e estratégias de implantação de medidas visando à adesão à prática de higienização das mãos.⁽¹⁷⁾

A necessidade da higienização das mãos é reconhecida também pelo Governo brasileiro, quando inclui recomendações para esta prática no Anexo IV, da Portaria 2616/98, do Ministério da Saúde, que instrui sobre o Programa de Controle de Infecções Hospitalares nos estabelecimentos de assistência à saúde no País.⁽¹⁷⁾

Este procedimento representa a principal medida preventiva e de controle de Infecções Hospitalares e é usado muitas vezes de forma incorreta ou então negligenciado, devido à falta de conhecimento sobre a verdadeira importância da lavagem das mãos e sua correta higienização, possibilitando ao paciente proteção contra as infecções, durante todo o período de internação, já que as infecções hospitalares estão presentes no cotidiano do trabalho de enfermagem e são sempre apresentadas como um risco.⁽¹²⁾

Diante dessa realidade, Souza, Rodrigues e Santana⁽¹⁸⁾ considerando a “lavagem das mãos” como a remoção dos “microrganismos que colonizam as camadas superficiais da pele” e que um dos maiores índices de transmissão de infecção se dá pelas mãos, sua adoção deveria ser contemplada por todos os profissionais de saúde, para isso seria necessário o preparo adequado dos mesmos e investimentos em sua conscientização.

Contudo, a falta de adesão dos profissionais de saúde a esta prática acarreta a necessidade de reformulação cultural, a fim de se valorizar a segurança e a qualidade de assistência.⁽¹⁹⁾

Essas precauções básicas englobam todos os princípios essenciais de controle de infecção que são obrigatórios em qualquer serviço de prestação de cuidados à Saúde. Estas se aplicam a todos os doentes hospitalizados, independentemente do seu diagnóstico, fatores de risco e presumível estado infeccioso, de modo a diminuir o risco tanto de doentes como dos profissionais de enfermagem, contrair uma infecção.⁽²⁰¹⁰⁾

Para Tiple apud Senna⁽²¹⁾, este foi um grande desafio aos profissionais de saúde, “desde o início de século XXI, após importantes avanços tecnológicos, não se verifica uma situação diferente do período em que Ignaz Semmelweis e Florence Nightingale se esforçavam para identificar as melhores práticas do controle de infecção”.

Oliveira e Paula apud SILVA⁽²²⁾

destacam que a preocupação com a transmissão das infecções tem sido uma preocupação de diversos pesquisadores, ao levar à realização de estudos voltados para a monitoração da aderência dos profissionais de saúde para as práticas de Higienização das Mãos, tendo como desafio a proposição de estratégias que incentivem maior adesão e manutenção dos níveis ideais desta recomendação.

A higiene das mãos tem um efeito de grande utilidade nas áreas de prestação dos cuidados de alto risco. Além de proteger o doente, os processos da higienização das mãos representam uma importante barreira de biossegurança, contra a proliferação dos microrganismos.⁽²³⁾

Portanto, verifica-se que a enfermagem é a categoria profissional mais direcionada para os cuidados ao doente, direta ou indiretamente e, conseqüentemente, na prevenção e controle das infecções relacionadas com a assistência, sendo a higiene das mãos um papel importante.^(24,25,26)

A Organização Mundial de Saúde vem promovendo campanhas no sentido de propor estratégias que visem melhorar a adesão à higienização das mãos entre os profissionais da saúde. O *Clean Care is Safer Care - The First Global Patient Safety Challenge*, que surgiu em 2005, tem se empenhado em assegurar que a higienização das mãos seja prioridade em todo o mundo quando se trata de cuidado com o paciente, garantindo, assim, a redução da transmissão de doenças.⁽²⁷⁾

Nesse contexto, WHO⁽²⁸⁾ aponta que esse ato seja realizado em cinco momentos: 1) antes de contato com o paciente; 2) antes da realização de procedimento asséptico; 3) após risco de exposição a fluidos corporais; 4) após contato com o paciente; e 5) após contato com as áreas próximas ao paciente (figura 1).

A partir daí, o Ministério da Saúde e principais Associações de profissionais da área da Saúde foram convidados a se comprometerem formalmente a impedir a ocorrência de infecções relacionada à assistência à saúde, priorizar a higienização das mãos e compartilhar internacionalmente os resultados e conhecimentos.⁽²²⁾

QUANDO? Seus 5 momentos para a higienização das mãos



Figura 1 – Cinco momentos para a higienização das mãos

Fonte: Manual para observadores - estratégia multimodal da OMS para a melhoria da higienização das mãos.⁽²⁹⁾

Segundo Silva⁽²²⁾ para verificar evidências de associação entre lavagem das mãos e redução de infecção, realizaram estudos experimentais e não experimentais, onde se conclui a importância da lavagem das mãos para a redução da infecção hospitalar e que a permanência da mesma é pertinente e deve ser mantida por ser o meio mais simples e eficaz de prevenir a transmissão de microrganismos no ambiente assistencial. Apesar disto, a observância da higienização das mãos ainda é muito baixa em todo o mundo, portanto os governos deveriam garantir que a promoção desta prática recebesse atenção e financiamento suficientes para ser bem sucedida.

DISCUSSÃO

A Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), no qual a prevenção e o controle das infecções passam a ser considerados para todos os locais onde se presta o cuidado e a assistência à saúde, inclusive o hospital.⁽³⁰⁾ Com base nessas informações, surgiu a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) com um papel importante nas instituições hospitalares na busca de prevenção e controle das infecções, em que desenvolve um conjunto de ações deliberadas e sistemáticas, com vistas à redução máxima da incidência e gravidade destas, sendo o enfermeiro, o profissional ideal para compor a equipe, com habilidades de gerenciamento, avaliação da qualidade dos serviços e práticas assistenciais.^(31,32)

A CCIH, dentro de uma unidade hospitalar, é de fundamental relevância, pois traz consigo o cuidado para a prevenção e controle de infecção, tanto para o corpo clínico quanto para o cliente.⁽³¹⁾

A confiança e a segurança que esses enfermeiros oferecem para outros profissionais de saúde e para os pacientes trazem consigo a minimização dos riscos tanto para os profissionais quanto para os clientes. De acordo com pesquisa realizada por Espindola et al.⁽³³⁾, esse setor deve contar com um enfermeiro que detenha conhecimentos e habilidades necessários para promover atividades educativas, visando à segurança do atendimento ao cliente e corpo clínico.

Oselka⁽³⁴⁾ afirma que a comissão não tem como função apenas elaborar medidas de prevenção contra infecção, ela tem outras funções importantes que giram em torno de todos os setores da instituição. As ações atribuídas incluem: vigilância epidemiológica das infecções, compreendendo diagnóstico, notificação e consolidação de relatórios, avaliando o exercício profissional pelos índices de infecção; investigação de surtos, em que se revisam as práticas assistenciais; medidas de isolamento e precauções para se evitar a disseminação de doenças transmissíveis, em que, muitas vezes, a CCIH indica medidas protetoras adicionais para o atendimento dos pacientes; adequação e supervisão das normas técnicas, avaliando condutas e padronizações existentes no hospital, política de utilização de antimicrobianos, definição de regras para prescrição de medicamentos e

elaboração de protocolos clínicos para tratamento das IRAS.⁽³⁵⁾

O treinamento é muito importante para o aperfeiçoamento não só da área de controle de infecção, mas também para outros profissionais de outros setores, pois um simples ato pode corromper a vida de uma pessoa.⁽³⁵⁾

Para Souza⁽³⁶⁾, é importante para o profissional da saúde buscar uma atualização contínua. Mas as condições de trabalho dos enfermeiros nem sempre permitem ao profissional buscar essa atualização. O processo de formação/educação do trabalhador no e pelo trabalho está para além dos treinamentos formais que, muitas vezes, compõem as ações educativas institucionalizadas, ou seja, está embasada no processo de formação do trabalhador que propicia a reformulação de hábitos, a reflexão, a ação transformadora, uma educação que é contínua no processo de trabalho, que é parte dele e que nele se processa.⁽³⁷⁾

O processo de aprendizagem na prevenção e controle das infecções nas instituições hospitalares deve começar no espaço de formação acadêmica, pois estes, quando se formarem, adquirirão competência para executar um procedimento esperado em seu exercício profissional.⁽³⁷⁾

Para Fernandes⁽³⁵⁾, compete a comissão cooperar com o setor de treinamento ou responsabilizar-se pelo treinamento, com vistas a obter capacitação adequada do quadro de funcionários e profissionais.

O papel dos enfermeiros na CCIH é de grande importância, pois estes têm a responsabilidade em suas ações em atentar não só diretamente ao paciente, mas também a outros profissionais de outras áreas tendo que averiguar as corretas ações exercidas por estes. Suas ações são dependentes e relacionadas, pois estes fiscalizam, rotineiramente, e em todos os setores, o desenvolvimento do trabalho dos profissionais da saúde, elabora e atualiza os procedimentos padrão, realiza vigilância epidemiológica, dentre outras funções.

No que refere à vigilância epidemiológica, realizada dentro dos hospitais, Dalto⁽³⁸⁾ descreve-a como a busca sistemática, análise e interpretação de informações relacionadas aos casos de infecções, de maneira a permitir o seu monitoramento e o planejamento de ações visando o controle de ocorrência destas. O grande problema que acontece nesse setor é o desenvolvimento de outras funções exercidas pelos enfermeiros da CCIH em uma unidade hospitalar, pois estas prejudicam no desenvolvimento de suas atividades na comissão.

Sabe-se que são muito importantes os procedimentos adequados como medidas de proteção para o controle de infecção, pois um pequeno erro pode ocasionar um grave problema. A Instituição Hospitalar tem o dever participar do Programa de Controle de Infecção Hospitalar (PCIH), pois ela notifica, capacita e supervisiona os profissionais da instituição, elaborando, e atualizando procedimentos.⁽³⁸⁾

De acordo com Dalto⁽³⁸⁾, cada hospital deve conter as funções atribuídas ao comitê da instituição que são: formular recomendações sobre temas pertinentes ao controle de

infecção; servir como centro de capacitação, para os outros departamentos do hospital; revisar e acompanhar os dados de vigilância epidemiológica, desenvolvendo planos de ação baseado nestes dados; identificar situações de surto promovendo ações de contenção dos mesmos; aprovar políticas de controle bem como aprovar os objetivos a serem alcançados pelo Programa de Controle de Infecção da Instituição.

O controle das IRAS resulta de um esforço conjunto e da adoção de medidas sabidamente eficazes. Esse esforço conjunto depende da vontade de cada profissional envolvido nas ações de saúde, sejam elas preventivas ou curativas. A adoção das medidas de prevenção e controle está relacionada, fundamentalmente, ao conhecimento e às mudanças de comportamento dos profissionais, face à evolução da epidemiologia hospitalar e das constantes mudanças originadas por ela.⁽³⁶⁾ Uma série de medidas, no entanto, poderia minimizar a ocorrência das IRAS. De acordo com Penteado⁽³⁹⁾, para a evolução do controle das IRAS, em suma, deve-se caminhar para uma conscientização mais profunda a respeito da importância do preparo da equipe hospitalar, que inclui desde conhecimentos mais avançados até a execução de um procedimento mais simples.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa objetivou evidenciar o papel do enfermeiro na prevenção e controle das IRAS na CCIH, em relação à função do enfermeiro, todos têm pleno conhecimento sobre sua atuação em relação às suas ações, que estes atuam não só no setor da CCIH, mas também em todos os setores do hospital para o desenvolvimento de sua prática, com isso, a divulgação das atividades da comissão, sua finalidade e importância passam a ser um desafio e uma nova perspectiva para as ações a serem planejadas para os próximos anos na busca de prevenção e controle de infecção.

Pode-se notar que a lavagem das mãos deve ser um hábito dentre os profissionais de saúde e a adesão dessa prática é essencial, considerando a “lavagem das mãos” como a remoção dos microrganismos que colonizam as camadas superficiais da pele, assim como o suor, a oleosidade e as células mortas, retirando a sujidade propícia à permanência e à proliferação de microrganismos e que um dos maiores índices de transmissão de infecção se dá pelas mãos, sua adoção deveria ser contemplada por todos os profissionais de saúde para o controle da infecção hospitalar.

Apesar desta constatação da eficiência da higienização das mãos na prevenção da transmissão de infecções, muitos profissionais de saúde desprezam o valor de uma ação simples e não compreendem os mecanismos básicos da dinâmica de transmissão das doenças infecciosas, sendo que este fato é mundialmente reconhecido e comprovado por diversos estudos.

Concluiu-se que o papel do enfermeiro quanto a prevenção da infecção relacionada a assistência à saúde, devem adotar em suas práticas diárias recomendações básicas

de higienização das mãos. Porém, treinamentos e programa de incentivos periódicos são necessários para reforçar a adesão às medidas propostas, visando a melhoria e qualidade na assistência de enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Armond, G.A. Técnica de Lavação das Mãos. In: Martins, M.A. **Manual de Infecção Hospitalar: epidemiologia, Prevenção e Controle**. Rio de Janeiro. Medsi, 2001, p. 319-324.
2. Oliveira, A.C. Infecções Hospitalares: repensando a importância da higienização das mãos no contexto da multirresistência. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.7, n.20, 2003, p.140-4.
3. Rudnitzki, E.; Semmelweis, I.P. **Documentario produzido pela Transtel**, Cologne, 1987.
4. Boyce, J.M.; Pitter, D. **Guideline for hand hygiene** in health-care settings, MMWR, v. 51, 2002, october 25.
5. Wendt, C. Hand hygiene-comparison of internacional recommendations. **J.Hosp. Infect.** 2001, p. 48. (SupplementA): S23-S28.
6. Cookson, B. et al. **Draft hand hygiene Standards**. J.Hosp. Infect. V.49, 2001, p. 153.
7. Brasil, Boletim Informativo do Ministério da Saúde. Programa de controle de infecção hospitalar. **Lavar as mãos**: informações para profissionais de saúde. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde, 1989. 39p.
8. McGuckin, M. Evaluation of a patient-empowering hand hygiene programme in the UK. **J. Hosp. Infect.** V.48, 2001, p. 222-227.
9. Fagioli, M.S.; Santos, J.C.J. Higienização das mãos: **A difícil mudança de hábito. Enfermagem**. Faculdades Integradas de Ourinhos. FIO/Femm. Disponível em: http://fio.edu.br/cic/anais/2011_x_cic/PDF/Enfermagem/HIGIENIZACAO%20DAS%20MAOS.pdf.
10. Silva, J.L.L. et al. Conhecendo as técnicas de higienização das mãos descritas na literatura: refletindo sobre os pontos críticos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**. V.14, n. 1, 2012: p.81-93.
11. Dantas, R. A. N., Dantas, D. V., de Mendonça, A. E. O., Costa, I. K. F., & Freire, M. D. M. C. Higienização das mãos como profilaxia das infecções hospitalares: Uma Revisão. **Revista Inter Science Place**. Ano 3, n. 13 Maio/Junho 2010. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/viewFile/136/158>.
12. Felix, C.C.P.; Miyadahira, A.M.K. Avaliação da técnica de lavagem das mãos executada por alunos do Curso de Graduação em Enfermagem. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo. V.43, n.1, 2009.
13. Fernandes, A.T.; Fernandes, M.O.V. Organização e programas de controle de infecções hospitalares. In: Fernandes, A.T.; Fernandes M.O.V.; Ribeiro Filho, N. **Infecção Hospitalar e suas interfaces na área da saúde**. São Paulo: Ateneu, v.2, 2000. P.1461-1468.

14. Brasil. **Higienização das mãos em Serviço de Saúde**. Brasília, DF. 2007. 52 p. Disponível em <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/higienizacao_maos/manual_integra.pdf>
15. Santos ,A. C. **Higienização das mãos no controle de infecções nos serviços de saúde**. Artigo sobre higienização das mãos; Brasília, [citado 2012 jan. 25]. Disponível em: www.anvisa.gov.br/servicosauade/controle/higienizacao_mao.pdf. Acesso em: ago./2014.
16. Carraro, T.E. Os postulados de Nightingale e Semmelweis: poder/vital e prevenção/contágio como estratégias para a evitabilidade das infecções. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 650-57, jul-ago, 2004.
17. Brasil, **Segurança do paciente em serviços de saúde higienização das mãos**. Brasília.2009. Disponível em: <http://www.dgs.pt>.
18. Souza, F.C.; Rodrigues, I.P.; Santana, H.T. Perspectiva histórica. In: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Ministério da Saúde. **Segurança do paciente: higienização das mãos**. Brasília (DF); 2008. p.11-15.
19. Coelho, M.S.; Silva Arruda, C.; Faria Simões, S.M. Higienização das mãos como estratégia fundamental no controle de infecção hospitalar: um estudo quantitativo. **Rev. Enferm. Glob.** vol.10 no.21 Murciaene. 2011. p.12 Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-11692006000400012...sci...
20. Franco, L.**Infecção Associada aos Cuidados de Saúde**. CHBA. Enfermeiros. 2010. Disponível em <http://www.chbargarvio.min-saude.pt/> Acesso em: ago./2014.
21. Senna, k. M. S, **Conhecimentos, atitudes e práticas dos profissionais de saúde relacionados à higiene de mãos**.Rio de Janeiro. 2010. Disponível em http://www.unirio.br/propg/posgrad/stricto_paginas/site%20Enfermagem/SiteENFv3/dissertações/Dissertacoes%202010/ DISSERTA%C7%C3O_KATIA_SENNA.pdf
22. Silva, E. L. **Higienização das mãos**: conhecimentos e práticas dos enfermeiros do Hospital Agostinho Neto. Dissertação (Mestre em Enfermagem Médico-cirúrgica) Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Coimbra, Setembro de 2013.
23. Soares, C.; Miranda, N.; Carvalho, M.; Paixão, A. **Higienização das mãos: opinião de enfermeiros e técnicos de enfermagem de um hospital universitário de Minas Gerais.2012**. Disponível em http://www.revista-api.com/2012/pdf/API_01_12_C.pdf connection.ebscohost.com/.../higieniza-o-das-m-os-o.
24. Moncaio, A. C. S., **Higiene das mãos dos profissionais da saúde: Subsídios para mudança comportamental na perspectiva da auto eficácia de Albert Brandura**.Ribeirão Preto.2010. Disponível em: www.teses.usp.br/teses. Ana Carolina ScarpelMoncaio.pdf. Acesso em: set./2014.
25. Tipple, A.F.V.; Mendonça, K.M.; Souza, A.C.S.; Pereira, M.; Santos, S.L.V. **Higienização das mãos**: o ensino e a prática entre graduandos na área da saúde. *Acta Sci Health Sci*. V.29, n. 2, 2007: p.107-14.

26. Giarola, L. B., Baratieri, T., Costa, A. M., Bedendo, J., Marcon, S. S., & Waidman, M. A. **Infecção hospitalar na perspectiva dos profissionais de enfermagem: um estudo bibliográfico**. *Cogitare Enfermagem*, v.17, n.1. 2012. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/26390>.
27. Oliveira, A.C.; Paula, A.O. Fatores relacionados à baixa adesão à higienização das mãos na área da saúde: uma reflexão. **Rev. Ciênc. Cuid. Saúde**, v.13, n. 1, Jan/Ma, 2014, p. 185-190.
28. World Health Organization. **WHO Guidelines on Hand Hygiene in Health Care. First Global Patient Safety Challenge**. Clean Care is Safer Care Geneva: WHOPress, 2009. 270 p. Disponível em: <http://www.who.int/gpsc/5may/background/5moments/en/>
29. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Manual de segurança do paciente: Higienização das Mãos**. Brasília (DF) BRASIL: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm:/connect/b0708b004a5e0144be88ff45db97490b/Relat%C3%B3rio_de_Avalia%C3%A7%C3%A3o.pdf?MOD=AJPERES.
30. PADOVEZE, M. C.; FORTALEZA, C. M. C. B. Healthcare-associated infections: challenges to public health in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 995-1001, out. 2014. doi: 10.1590/S0034- 8910.2014048004825.
31. FONTANA, R. T.; LAUTERT, L. A prevenção e o controle de infecções: um estudo de caso com enfermeiras. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. 3, p. 257-261, maio/jun. 2006. doi: 10.1590/S0034- 71672006000300002.
32. MOURA, M. E. B. et al. Infecção hospitalar: estudo de prevalência em um hospital público de ensino. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, v. 60, n. 4, p. 416-421, jul./ago. 2007. doi: 10.1590/S0034-71672007000400011.
33. ESPINDOLA, P. M. A fenomenologia de Alfred Schütz: uma contribuição histórica. **Revista Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 157-171, jul./dez. 2012.
34. OSELKA, G. A prescrição de antibióticos e as comissões de controle de infecção hospitalar. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 102, abr./jun. 2001. doi: 10.1590/S0104-42302001000200022.
35. FERNANDES, A. T. **Percepções de profissionais de saúde relativas à infecção hospitalar e às práticas de controle de infecção**. 2008. 234 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
36. SOUZA, A. C. et al. Desafios para o controle de infecção nas instituições de saúde: percepção dos enfermeiros. **Ciencia y Enfermería, Concepción**, v. 8, n. 1, p. 19-30, jun. 2002. doi: 10.4067/S0717-95532002000100004.
37. AZAMBUJA, E. P.; PIRES, D. P.; VAZ, M. R. C. **Prevenção e controle da infecção hospitalar: as interfaces com o processo de formação do trabalhador**. *Texto contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 13, n. esp., p. 79-85, dez. 2004. doi: 10.1590/S0104-07072004000500009.

38. DALTOÉ, T. **Métodos de vigilância epidemiológica de infecções hospitalares utilizados pelos hospitais de Porto Alegre**. 2008. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Epidemiologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

39. PENTEADO, M. S. Medidas de prevenção e controle de infecções urinárias hospitalares em hospitais da cidade de São Paulo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 1-22, abr. 1997. doi: 10.1590/ S0080-62341997000100001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alta hospitalar 47, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 184, 194

Angiotomografia computadorizada 179, 180

Assistência de enfermagem 20, 21, 23, 34, 35, 39, 40, 48, 103, 112, 121, 122, 124, 127, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 140, 141, 142, 151, 195, 197, 198, 199, 208, 209, 210, 222, 224, 225, 226, 228, 229, 231, 232, 244, 245, 250, 251

Atendimento pré-hospitalar 48, 49, 108, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141

C

Cateterismo cardíaco 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

Centro cirúrgico 73, 74, 75, 77, 82, 83, 85, 126, 155, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252

Cirurgia segura 155, 156, 244, 245, 247, 248, 250, 251

Comunicação 25, 43, 45, 46, 52, 56, 57, 58, 60, 91, 92, 93, 99, 107, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 130, 172, 173, 175, 188, 192, 193, 194, 226, 233, 244, 245, 249

Cuidados críticos 51, 53, 60, 187

Cuidados paliativos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 192

D

Deficiência auditiva 121, 122, 124, 125, 127, 128, 130

Diagnóstico de enfermagem 38, 39, 40, 41, 43, 123, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 244

Doação de órgãos 195, 197, 198, 208, 209

Doenças cardiovasculares 1, 8, 20, 22, 27, 28, 33, 35, 36, 105, 135, 239

Doenças crônicas 9, 28, 36, 99

E

Educação em enfermagem 51, 53, 55, 57

Educação em saúde 25, 55, 104, 105, 108, 126, 193, 237

Emergência 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 39, 40, 43, 45, 49, 62, 64, 98, 99, 104, 105, 106, 107, 108, 113, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 164, 186, 252

Enfermagem 1, 3, 11, 13, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 84, 85, 87, 90, 93, 94, 96, 97, 98, 103, 106, 107, 108, 112, 114, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 197, 198,

199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252

Estudo epidemiológico 3

Evento adverso 172, 174, 175, 176, 183, 185, 244

H

Higienização das mãos 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 165

Hipertensão 5, 6, 7, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 125, 199, 200

I

Idoso 1, 3, 6, 9

Infecções 47, 73, 74, 75, 76, 82, 83, 85, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 125, 126, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 231, 241

Interações medicamentosas 2, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 97

M

Medicamentos 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 82, 97, 98, 99, 121, 125, 144, 148, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 188, 239, 247, 248, 250

Morte encefálica 195, 196, 198, 208, 209, 210

Multiprofissional 18, 24, 25, 33, 35, 40, 92, 114, 118, 131, 136, 185, 187, 189, 190, 191, 193, 241, 246, 250, 252

P

Pesquisa clínica 237, 238, 240

Pneumonia 72, 109, 110, 112, 114, 116, 119, 120, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166

Pós-operatório 75, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 249

Prevenção 11, 17, 24, 25, 31, 32, 34, 36, 45, 72, 84, 109, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 125, 126, 136, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 170, 171, 173, 176, 189, 199, 203, 204, 207, 209, 219, 235, 238, 243, 248

Primeiros socorros 105, 108, 131, 133

Procedimento operacional padrão 86, 187, 189, 190, 191, 210

R

Reanimação cardiopulmonar 103, 104, 105, 106, 107, 108, 141

Relato de experiência 36, 55, 60, 62, 103, 106, 107, 121, 124, 172, 174, 182, 187, 189, 222, 224, 240

S

Saúde mental 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 231

Segurança do paciente 1, 3, 15, 46, 54, 60, 84, 85, 95, 109, 111, 113, 114, 146, 152, 153, 160, 162, 167, 168, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 185, 192, 193, 194, 222, 224, 226, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 236, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252

Selo de qualidade 222, 225, 230, 232

Sepsis 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 239

Sistematização da assistência de enfermagem 34, 35, 39, 48, 195, 199, 210, 231

Suporte básico de vida 103, 104, 106, 107, 108, 132, 134, 138

T

Trauma 38, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 69, 105, 116, 136, 137, 138, 139, 140, 204

U

Unidade de terapia intensiva 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 55, 64, 72, 112, 113, 119, 141, 158, 164, 177, 178, 187, 188, 193, 194, 197

Urgência 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 48, 62, 64, 72, 104, 105, 113, 131, 132, 134, 136, 138, 139, 141, 185, 186, 252

V

Ventilação mecânica 67, 72, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 190, 201, 210



**INOVAÇÃO E
TECNOLOGIA
PARA O CUIDAR
EM ENFERMAGEM**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



**INOVAÇÃO E
TECNOLOGIA
PARA O CUIDAR
EM ENFERMAGEM**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 